



## **BREVE ANÁLISE HISTÓRICA E SOCIOECONÔMICA DA CIDADE DE GUARUJÁ**

**Angela Omati Aguiar Vaz<sup>1</sup>**

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é apresentar uma visão histórica e socioeconômica da cidade de Guarujá, situando o leitor a partir de uma visão analítica e crítica.

**Palavras-Chave:** Guarujá, Baixada Santista, análise histórica.

**ABSTRACT:** *The aim of this paper is to present a comprehensive historical and socioeconomic city of Guarujá, placing the reader from an analytical and critical vision.*

**Key-Words:** *Guarujá, Santos Region, Historical analysis.*

A cidade de Guarujá, localizada na ilha de Santo Amaro, litoral do Estado de São Paulo está a 82 km da capital estadual, São Paulo. Faz parte geograficamente da Baixada Paulista mas, desde a Lei Complementar Estadual 815 de 30 de julho de 1996 que criou a região metropolitana, é chamada de Baixada Santista, como já o era popularmente, formada por nove cidades, sendo as demais componentes Bertioga, Cubatão, Itanhaém, Mongaguá, Peruíbe, Praia Grande, Santos e São Vicente.

A cidade é permeada de desigualdades, heterogeneidades, diversidades, contradições e tensões, que se tornam uma verdadeira reprodução dos processos, das estruturas e desdobramentos que ocorrem na sociedade brasileira.

A história do Guarujá está presente em grandes momentos da História do Brasil de modo intenso. Na fase colonial, com a própria chegada de Martim Afonso de Souza, com personagens como Anchieta e Hans Staden, o naufrago alemão que caiu nas mãos dos índios tupinambás. De volta à Europa, escreveu o livro *Meu cativo com os selvagens do Brasil*, publicado na Alemanha em 1557, com a descrição das plantas e animais, usos e costumes dos habitantes e da terra. Na fase imperial com o comércio de escravos que aqui se fazia e com a Armação das

---

<sup>1</sup> Coordenadora dos Cursos de História e Geografia da Faculdade Don Domênico.



Baleias, importante marco econômico nos séculos XVIII e XIX, primeira indústria extrativa que funcionou na Ilha de Santo Amaro. Já no final do século XIX com o Grande Hotel e o Cassino, que faziam parte de um ousado projeto turístico composto não só das edificações como também da linha férrea, de lanchas para a travessia do estuário de Santos, de dois parques, incluindo zoológico, piscina e belvederes. Todo o complexo foi fruto de uma companhia de capital privado nacional, mais tarde encampado pelo governo estadual. A cidade é *sui generis* em sua concepção e criação, visto ter sido pré-construída em madeira nobre nos Estados Unidos e aqui montada, com o hotel, o cassino, quarenta e seis chalés e igreja, entre outras coisas.

Freqüentada por presidentes, escritores, artistas, pessoas que fizeram o cenário político, econômico e social do Brasil, a cidade acostumou-se a ver e a conviver com celebridades.

Ao perder suas alavancas de progresso, que foram o Grande Hotel e o Cassino, o primeiro demolido na década de sessenta e o segundo na de oitenta, desestruturou-se, mas através das suas belezas naturais e da proximidade com a cidade de São Paulo, transformou-se por certo tempo na praia dos abastados.

A importância do Grande Hotel La Plage e do Cassino no destino da cidade foi tamanha que determinou a sua trajetória. O fato da morte de Santos Dumont ter ocorrido nas dependências do Grande Hotel foi fundamental para que as lembranças sobre o mesmo não se esvaíssem.

A proibição dos jogos de azar fez com que a cidade sofresse um grande baque econômico. O Guarujá analisado no início do século XX formou-se da classe burguesa ou agrário-burguesa. A burguesia industrial, que estava nascendo na sociedade paulista, proveio da classe agrária, reproduzindo, portanto sua ideologia. Guarujá fora aureolado e cumpria o papel desejado por esta classe social. A história desse período é dirigida pelas cúpulas, pelas oligarquias.

Nas décadas de sessenta e setenta os colonistas sociais hospedavam-se no Guarujá para acompanhar o que e quem estava na moda. A chamada alta roda tinha suas casas aqui e como era comum ironizar na época, era o único lugar do mundo no qual as mulheres iam de salto alto à praia.

Os antigos freqüentadores do hotel e do cassino tornaram-se os proprietários de casas ou apartamentos. Para a construção destes, vieram para a região muitos migrantes, os quais aumentaram as áreas de invasão e as periféricas, que mudaram a estrutura da cidade. Este foi o



*boom* imobiliário, ou febre imobiliária dos anos setenta e oitenta do século XX. A aura deixada na cidade pelo Cassino e Grande Hotel La Plage e a fama deixada pelos antigos freqüentadores ainda estão presentes no pensamento dos antigos moradores.

Com a corrida aos empregos que se fez primeiramente em função do hotel e do cassino e posteriormente em virtude deste *boom* imobiliário, houve um grande afluxo de trabalhadores atraídos pelas facilidades de colocação na construção civil. Os migrantes nordestinos que buscaram a cidade atrás de emprego, construíram prédios nos quais não podiam morar, mas passaram a habitar casas sem recursos, barracos à beira de rios, nos mangues ou nas encostas dos morros em áreas periféricas, ocasionando problemas ecológicos. Tal fato ajudou no processo de triplicação da população nas últimas três décadas do século vinte.

Voltando-se um pouco no tempo, em 1971, ano da inauguração da Piaçaguera – Guarujá, via que uniu a ilha às estradas que cruzam a serra do Mar, a Prefeitura Municipal aprovou 30 mil metros quadrados de novas construções; em 1972, passou para 81 mil; em 1973, para 174 mil; em 1974, 618 mil; e em 1975, exatamente 1.031.690,37 metros quadrados. Só em dezembro de 1975 foram aprovados 286 mil metros quadrados de plantas, e em janeiro de 1976, mais 202 mil metros.

Observando-se as características do passado, as mudanças na cidade foram muitas. Informações do Setor de Planejamento da Prefeitura Municipal de Guarujá atestam que num inventário de assentamentos irregulares, com dados de 1999, cerca de aproximadamente cem mil pessoas eram faveladas, com densidade média populacional de 308,24 habitantes por hectare, havendo cinquenta e dois núcleos mapeados. Pode-se notar que essas áreas foram ocupadas, a partir dos anos sessenta, intensificando-se nos anos oitenta. Somando-se as décadas de sessenta, setenta e oitenta, trinta e três novos núcleos se formaram. Atualmente, a renda média das famílias das regiões estudadas é de cerca de um e meio salário mínimo. Dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, mostram que nos primeiros cinco anos do presente século, houve um aumento de 23% no número de moradores em áreas de invasão, sendo que só 17% na quantidade de habitantes do município; ou seja, a evolução populacional da população das favelas cresceu vertiginosamente mais nos anos apontados, gerando pois carências sociais de difícil solução.



Guarujá com uma área de cento e trinta e sete quilômetros quadrados, possuía em 2005 vinte e cinco km<sup>2</sup> de áreas verdes preservadas pertencentes a Mata Atlântica. Segundo ainda dados do IBGE do mesmo ano, a população da cidade era de 265 000 habitantes, o que resultava em uma densidade demográfica aproximada de 1.935,44 habitantes por quilômetro quadrado. No ano de 2007 o número aproximado passou para 295 000 habitantes, o que resulta em 2 154 habitantes por km<sup>2</sup>.

A principal atividade econômica do município é o turismo, e uma parcela elevada no setor de serviços. No distrito de Vicente de Carvalho concentra-se a população operária que exerce atividades na área portuária de Santos e no Parque Industrial de Cubatão.

O PIB – Produto Interno Bruto da cidade está assim distribuído em mil reais:

- Agropecuária 18 623;
- Indústria 583 184;
- Serviço 1 658 383;
- Impostos 325 290 e
- PIB a preço de mercado corrente 2 585 481 (dados do IBGE).

Segundo o do Plano Plurianual de Assistência Social da Prefeitura Municipal de Guarujá (ano 2002), baseados em pesquisa da Fundação Getúlio Vargas, quanto a distribuição das famílias por classes de renda, há uma predominância da população de renda média, médio-baixa e baixa, vivendo aproximadamente 18.160 pessoas abaixo da linha de pobreza, o que acarreta a exclusão social de uma parte da sociedade que sem oportunidade de emprego, procura os subempregos. Como consequência temos analfabetismo ou pouca escolaridade gerando baixa remuneração e, por conseguinte, condições precárias de habitação.

As atividades agrícolas resumem-se à bananicultura e a produção de hortaliças. A atividade industrial não é expressiva, voltada à pesca e à construção civil, sendo o maior destaque na área química. Com a descoberta de bacias marítimas petrolíferas subaquática na região, um novo leque de possibilidades está se apresentando, com a criação de novos mercados de trabalho, maior dinâmica nos setores do comércio, da rede hoteleira e da construção civil; fazendo com que haja necessidade de uma preparação da população para ocupar os novos postos que se



apresentarão. Além disso, há uma forte movimentação de vários setores, no sentido de viabilizar a ligação entre as ilhas de São Vicente, aonde se localizam as cidades de Santos e São Vicente, e a ilha de Santo Amaro, compreendida pela cidade de Guarujá e o Distrito de Vicente de Carvalho, através de um túnel submerso no estuário. Atualmente a ligação é feita através de balsas, que não mais suprem seu papel satisfatoriamente, gerando morosidade na travessia.

O setor comercial no município em que há maior número de inscritos é o de bares e lanchonetes, e entre os estabelecimentos de prestação de serviços destaca-se o cadastro de engenheiros, arquitetos e projetistas.

Com base no Índice de Desenvolvimento Humano, estudo divulgado todo ano pela ONU, o Guarujá ocupava o quadringentésimo septuagésimo oitavo (478º) lugar do Estado de São Paulo em 2002. O IDH é uma forma de medir o grau de educação, expectativa de sobrevivência e renda. Tanto a cidade como o país conseguiram reduções significativas da pobreza, mas apresentam áreas de desenvolvimento com enormes bolsões de intensa miséria.

Em relação à educação, com dados também obtidos no IBGE, em 2007, haviam 47 578 estudantes matriculados no Ensino Fundamental e deste total apenas 3 228 no ensino privado. No Ensino Médio, apenas 1 128, contra 10 728 nas escolas estaduais, demonstrando o grande ônus público, com um menor número de alunos com poder aquisitivo para freqüentar as escolas particulares. As áreas mais atingidas do setor público, conseqüentemente, são saúde, educação e ação social, devido a completa destituição do poder aquisitivo da classe social menos favorecida ou por ser esse poder aquisitivo muito baixo. Como exemplo, pode-se citar que há 25 escolas estaduais que oferecem Ensino Médio e apenas 5 privadas, mostrando que a classe média não é tão representativa na atual estrutura da sociedade guarujaense.

As transformações sociais sofridas pela cidade podem ser sentidas. Atualmente Guarujá comporta mansões ao lado de prédios com apartamentos populares, bairros de ricas moradias e apartamentos luxuosos, de modo estranho, junto de núcleos de favelas que se tornaram um pesado problema social. As áreas de invasões são encontradas em toda a ilha. Inúmeros desses núcleos convivem, não muito pacificamente, com casas ou edifícios luxuosos. Os problemas são muitos, as soluções, difíceis.

O Guarujá tem sido pouco estudado, sendo muitas vezes difícil delinear o seu passado. O crescimento desnorteado na segunda metade do século XX, na chamada “febre imobiliária”



acarretou a formação do distrito de Vicente de Carvalho, popularmente conhecido como Itapema. Recebeu o nome do santista chamado de “poeta do mar”, pelo fato de ele e sua família terem possuído extensões de terra na região. Com o cais de atracação das barcas que atravessavam o estuário na região portuária entre as cidades de Santos e Guarujá, e a estação da estrada de ferro, surgiram algumas casas. A partir da década de vinte iniciou-se a ocupação por invasão de pessoas mais humildes vindas de Santos.

Nos anos vinte também aconteceu a construção da Base Aérea de Santos, na região chamada Bocaina. Com a Base Aérea de Santos, que apesar do nome localiza-se no Guarujá, muitos moradores de Bocaina transferiram-se para as margens dos trilhos da ferrovia, onde hoje fica a Avenida Thiago Ferreira, nome em homenagem a um morto na Revolução de 32. A Base Área é de crucial importância para o futuro da cidade, e merece um breve registro sobre as possibilidades que ela trazer, visto que foi aprovada a construção de um aeroporto civil nas suas dependências, com a intuito de desafogar os aeroportos da região metropolitana de São Paulo, aumentando a possibilidade de um novo período para o turismo regional. Merece registro também, o filão dos navios de passageiros que nos últimos anos tem movimentado o porto de Santos durante as temporadas de verão. Esta maior movimentação tem se transformado em estudos para que algumas companhias marítimas escolham futuramente, a margem do Guarujá para os seus terminais de passageiros.

Voltando ao passado, com a criação de zonas industriais na Baixada Santista, o preço baixo das terras em Itapema tornou-se atrativo. Muitos novos moradores vieram para terras compradas ou invadidas. Como a região fica do outro lado do estuário de Santos, defronte à zona portuária, a região chamada “Sítio Pae Cará” intensificou o fenômeno das invasões, agravado ainda mais em 1956 após as chuvas que provocaram o desmoronamento de vários morros santistas. Os problemas sociais recrudesceram muito com o processo de migração nordestina e com o aumento do número de construções civis.

Luiz Melo Rodrigues assim fez a comparação das duas regiões:

*Em contrapartida, Vicente de Carvalho difere enormemente de Guarujá. Numa visão global dos grandes traços urbanos, os dois centros apresentam flagrante oposição. Guarujá, debruçada no mar aberto, desenvolve-se ao longo de praias*



*bravas, batidas pelas águas claras do Atlântico, em sítio elevado e seco; Vicente de Carvalho, à margem do Estuário, de águas tranqüilas e escuras, ocupa sítio raso, encharcado. Guarujá, com amplas avenidas arborizadas e ruas largas, dotadas de todo melhoramento público, mostra a requintada urbanização de cidade organizada; Vicente de Carvalho, com ruas maltratadas, pouco equipadas, mostra bem sua condição de núcleo marginal em incipiente estado de urbanização. Guarujá estende-se ao longo das praias onde se erguem monumentais prédios de apartamentos e residências finas, amplas, ajardinadas e de estilo moderno; Vicente de Carvalho espraia-se, afastada do canal, com casario baixo, concentrado, construído sobre estacas, sem estilo definido, com mínimas condições de conforto e higiene. Guarujá, de marcada função balneária, abriga pequena população efetiva de caiçaras e descendentes de imigrantes, sensivelmente aumentada nos fins-de-semana e durante as elegantes temporadas da “gente bem” do planalto; Vicente de Carvalho, dormitório dos trabalhadores do porto, dos empregados nos armazéns de café, dos operários da Cosipa, da Refinaria “Artur Bernardes” e das indústrias santista-vicentinas, mantém população permanente cinco vezes maior, constituída por elevada porcentagem de nordestinos. Guarujá, para o desempenho de sua função maior, possui importante comércio de artigos de praia e turismo, bares e mercearias montados com requintado bom gosto, restaurantes luxuosos, hotéis, “boites” e clubes recreativos “fechados”; Vicente de Carvalho, complementando a função-dormitório, apresenta reduzido e modesto comércio de artigos de primeira necessidade, pequenos bares e cafés, pensões familiares, intenso movimento de vendedores ambulantes e sociedade que lutam pelo equacionamento dos múltiplos e complexos problemas locais. Guarujá, garantia permanente para investimento imobiliário, expandiu-se com disciplina e método através dos loteamentos planejados e regularmente registrados na Prefeitura Municipal; Vicente de Carvalho sem qualquer atrativo para aplicação de capitais, cresceu desordenadamente pela invasão da propriedade privada. Enfim: Guarujá, a pacata cidade aristocrática, figura diariamente na crônica social dos jornais paulistanos; Vicente de Carvalho, o*



*dinâmico aglomerado popular, somente de vez em quando aparece nos órgãos da imprensa diária para focalizar algum de seus problemas.*<sup>2</sup>

O trecho transcrito foi elaborado na década de sessenta e é ainda atual na descrição das duas regiões, suas características e situações peculiares. Vicente de Carvalho tornou-se sede do distrito de Paz em 1953 e paga um tributo pesado pelo seu crescimento desordenado, rápido, desestruturado e vertiginoso. Muitos são os problemas tanto de Guarujá como do distrito de Vicente de Carvalho. Ambas regiões, como em outras cidades de características semelhantes, sofrem com os vários problemas que lhes são comuns tanto de ordem social, como econômica e também administrativa. Herdou-se a necessidade de legalização de posses, urbanização de favelas, drenagem de várzeas, ampliação das redes de água, luz e esgoto. Aos já citados, acrescenta-se a necessidade de conter a violência que acompanha os tempos atuais, além da necessidade de geração de novos empregos e da adequação do atendimento escolar, visto que a população migrante que aqui vem e se fixa é muito grande. Os desafios são imensuráveis.

Voltando-se aos anos cinquenta e sessenta, Guarujá apresentava-se com a fisionomia urbana bastante diversa de uma região para outra, como por exemplo: loteamentos pertencentes a famílias tradicionais da sociedade paulista como os Prados (praia de Pernambuco) e os Matarazzos (praia da Enseada) geraram mansões na sua maioria. Já na praia do Perequê, nasceram comunidades e núcleos de pescadores, e nas vilas Santo Antonio, Gonzalez, Santa Rosa, Funchal e Jardim Primavera tornaram-se núcleos populacionais densos, com residências modestas.

Parece bastante provável que muitos dos que antes se hospedavam no Grande Hotel, passaram a incorporar empreendimentos para a construção dos primeiros arranha-céus da cidade, esta é uma das razões para a derrocada do mesmo.

Do Guarujá do século XX, não se pode deixar de escrever sobre Don Domênico Rangoni, padre italiano que chegou ao Guarujá em 1954 e até a sua morte em 1987, dedicou-se a modificar socialmente a cidade. Costumava conseguir o dinheiro para suas obras dos que freqüentavam a

---

<sup>2</sup> RODRIGUES, Luiz Melo. *Vicente de Carvalho*. In “A Baixada Santista – aspectos geográficos”. Vol III.. p.p. 99 e 100.



cidade, não importando a religião deles, inclusive de israelitas e muçulmanos. Nos salões de jogos de carteados que continuaram a existir na cidade, sob a forma de clubes, e também no prédio do chamado cassino novo, Don Domênico cumprimentava os jogadores conhecidos seus e já ia separando as fichas, que eram “a contribuição para os nossos pobres e as nossas criancinhas”, como dizia. Não aceitava “não” como resposta e todos contribuía com grande satisfação.

A primeira igreja católica na cidade incendiou-se em 1924. Em 1937 iniciou-se a construção da matriz, e no governo estadual de Ademar de Barros, este prometeu que mandaria verba para terminá-la. O padre Caiafa, acreditando nisso, comprou todo o material restante necessário, mas o dinheiro não veio. Sendo assim, ele ficou numa situação constrangedora, perante a população que o obrigou a sair da cidade. A igreja ficou pela metade, e na década de sessenta Don Domênico terminou-a, com a ajuda de fiéis, a rifa de um carro e a contribuição por ele pedida aos jogadores freqüentadores dos clubes de carteados. O Colégio e a Faculdade Don Domênico, o Hospital Santo Amaro e a creche Anna Juliana Tybor Passaes (antes chamada Ninho Maternal), entre outras muitas obras, são fruto do empreendedorismo de Don Domênico que acreditou e mudou os rumos da população de Guarujá. Até poucos anos, a região metropolitana possuía apenas três núcleos de ensino superior: a Universidade Católica de Santos – Unisantos, a Faculdade Santa Cecília (hoje universidade) e a Faculdade Don Domênico.

O sistema viário da cidade é em sua totalidade rodoviário, e o acesso à ilha é através da Rodovia Cônego Rangoni, antiga Piaçaguiera, que liga Guarujá a Cubatão. A ligação da ilha com o continente é por meio de ponte ou de balsas (como já mencionado) e barcas.

O município tem uma área de abastecimento de água de 94,82%, e a coleta e o lançamento de esgotos sanitários em 1995 representavam um atendimento a 74,94% da população.

Voltando a questão da especulação imobiliária, a cidade sofre até hoje suas conseqüências. Guarujá tem características comuns a outras cidades que sofreram um crescimento desorganizado que acarretou uma grave questão social, que por sua vez apresenta os problemas do narcotráfico e da violência, da carência de recursos habitacionais, de educação, de saúde pública, de planos ecológicos, e outros. Compreende uma classe identificável da estrutura



social com desemprego por longo tempo, falta de especialização ou treinamento profissional, dependência assistencial, problemas com drogas ou alcoolismo.

As razões dos problemas sociais são muitas, sendo que também em parte uma verdadeira subclasse forma-se devido ao desemprego estrutural, ao despreparo dos trabalhadores não qualificados ou semiquilificados. Por desemprego estrutural podemos entender atividades que as novas tecnologias vão, com o decorrer do tempo, substituindo. Vale lembrar mais uma vez que o processo descrito acentuou-se pela aceleração e generalização das migrações.

Há uma grande exclusão social de grande parte da população ocasionada por diversas situações, tais como: problemas familiares, condições inadequadas de alimentação, alienação social, problemas com alcoolismo e com drogas. A distância entre a população de baixa renda e o mercado formal aumenta, haja vista haver necessidade de mão-de-obra especializada inexistente na faixa social em questão.

Enfim, o Guarujá reproduz os mesmos mecanismos da desigualdade social brasileira. Há muitos recursos naturais a serem explorados, mas há também uma estratificação social ingrata com muitos tendo pouco e pouquíssimos tendo muito, que dificulta as soluções, mas não impede que elas aconteçam. As disparidades de bem-estar entre ricos e pobres, centro e periferia, são imensas. É a reprodução das condições do Brasil em escala menor.

A cidade tem passado por um processo de reestruturação de suas políticas sociais. Apesar dos esforços dos gestores municipais, as condições para superar os problemas tornam-se quase que um esforço sobre-humano. Os desafios são imensos para corrigir os desvios que o próprio progresso trouxe. Que o país e a cidade alcancem o equilíbrio entre o progresso e políticas sociais.

### **Fontes e Bibliografia**

Relatório Pnud, disponível no site [www.pnud.org.br](http://www.pnud.org.br).

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, disponível no site [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br).

Inventário de assentamentos irregulares do Município de Guarujá, PMG, 8/10/1999.

Plano plurianual de Assistência Social de 2002 a 2005 da Prefeitura Municipal de Guarujá.

Rodada preparatória de diretrizes de desenvolvimento – Prefeitura Municipal de Guarujá.



VAZ, Ângela Omati Aguiar. *Guarujá, três momentos de uma mesma história*. Santos, SP: Editora Espaço do Autor, 2003.

RODRIGUES, Luiz Melo. “Vicente de Carvalho” in *A Baixada Santista – aspectos geográficos*. Vol. III. São Paulo. Ed. Universidade de São Paulo, 1965.